

DA FALA À LÍNGUA: ESTUDOS DO ENUNCIADO LATINO. Paulo Eduardo de Barros Veiga, Márcio Thamos. – Letras – Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara.

A pesquisa, iniciada em setembro de dois mil e cinco, auxilia na formação lingüística do latinista. O objetivo principal é o desenvolvimento de um método para principiantes adultos interessados no aprendizado do latim, cujos fundamentos estão estabelecidos nas pesquisas sobre método e linguagem realizadas por Alceu Dias Lima e os demais professores da área de latim do Departamento de Lingüística desta Faculdade.

Houve, durante a pesquisa, uma incessante preocupação em refletir sobre o ensino do latim e naturalmente sobre a própria língua latina. Exigiu-se, portanto, para a realização da pesquisa, uma constante reflexão sobre a língua, seja sobre a língua estrangeira estudada (o latim) ou sobre a própria língua materna (o português).

A ciência lingüística, principalmente a saussuriana, não serviu apenas como ciência auxiliar, mas formou a “base de sustentação” da pesquisa. Procurou-se tratar a lingüística não só como uma ferramenta de auxílio à pesquisa, mas como uma “filosofia da linguagem”, isto é, como ciência fundamental capaz de fornecer ao pesquisador iniciante o embasamento necessário para que este resolva eventuais problemas referentes ao objeto estudado.

A pesquisa intitula-se “Da fala à língua: estudos do enunciado latino” porque, com base na lingüística saussuriana (dicotomia: língua/fala), parte de **falas legítimas latinas**, ou seja, parte de textos de falantes latinos nativos, para se chegar à **língua**, isto é, procura-se alcançar uma compreensão da estrutura da língua latina a partir de enunciados de autores romanos antigos, tendo como objetivo o desenvolvimento de um método otimizado, capaz de garantir a obtenção da competência receptiva dessa língua por parte do principiante adulto a partir da **normalização** e da **recorrência**. Entenda-se “método otimizado” como um método que busca tornar prático e coerente o ensino do latim, tornando-o mais acessível ao estudante que queira apreender essa língua. Portanto, o projeto procurou desenvolver, sem ingenuidades metodológicas, um método de ensino de latim fundamentado nos conceitos básicos do estruturalismo saussuriano.

O método consiste em dois exercícios fundamentais: a **normalização** e a **recorrência**. A **normalização** consiste em reduzir a uma espécie de “grau zero do enunciado” frases complexas latinas, transformando-as em frases simples, com a finalidade de possibilitar o entendimento da estrutura frasal pelo aluno. Para melhor explicar o processo da normalização, utilizaremos um exemplo em português: *O menino que brinca com a bola é feliz*. Posso retirar do exemplo duas frases normalizadas: 1) *O menino brinca com a bola*. 2) *O menino é feliz*. Se o aluno compreender a frase 1 e a frase 2, com certeza entenderá a frase principal (mais complexa). Imaginemos então esse procedimento com o latim, em que o aluno, após estudar e compreender dois enunciados simples, poderá muito bem compreender o enunciado complexo. Há também outros detalhes da técnica da normalização; por exemplo, costuma-se adotar uma padronização do tempo verbal, isto é, converte-se o verbo na frase normalizada sempre ao presente do indicativo (adota-se assim um “tempo axial”). Da mesma forma, há a adoção de uma ordem canônica em que se dispõem as palavras e suas devidas funções na frase: SN sujeito + SN objeto + verbo. A normalização é, resumidamente, uma operação destinada a estimular a recorrência. A **recorrência** é o exercício diário do aluno; funciona mediante exercícios regulares, em que o aluno absorverá gradualmente as estruturas frasais básicas da língua latina, sem a necessidade de memorizar mecanicamente tabelas de morfemas, suas variantes, etc.

Procurou-se tratar a língua latina como a língua materna dos antigos romanos. O conceito “**língua materna**” é fundamental, pois nos impede de julgar o latim como língua “morta”, como fonte de puro eruditismo. Ao contrário do senso-comum, o latim não é língua “morta”, apenas não existem falantes nativos vivos, pois há um grande distanciamento histórico entre nós e o antigo império romano, aproximadamente dois mil anos. Dir-se-á, ao invés de língua “morta”, sincronia fechada, pois esta é uma expressão de cunho lingüístico que descreve melhor a situação da língua, já que o latim não evolui mais, ou seja, a língua está “fechada” em sua sincronia, em sua evolução. Não há melhor forma de estudar a língua que não seja a sincrônica, aliás, é a única forma em que uma língua pode ser de fato estudada como língua. Saussure diz: “A língua é um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica” (2003, p.102), pois “na perspectiva

diacrônica, não é mais a língua o que se percebe, mas uma série de acontecimentos que a modificam” (idem, p.106).

A língua está sempre associada à cultura do povo que a utiliza. Não podemos desvencilhar a cultura romana da língua latina. Benveniste elucida: “Pela língua o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma” (2005, p.32), “o caráter natural da língua, de ser composta de signos, poderia ser comum ao conjunto dos fenômenos sociais que constituem a cultura” (idem, p.47). Portanto, o “aportuguesamento” do latim, a simulação ou o uso dele para a comunicação fluente por pessoas cuja realidade é diferente da de um romano não fazem sentido nenhum. O intuito da pesquisa ao se utilizar somente de textos de autores autênticos não é puramente conservador, pretende-se assim estudar seriamente o latim numa análise lingüística em que a linguagem não se separa da cultura.

Foram utilizados como *corpus* os versos 1 a 82 do canto X das *Metamorfoses* de Ovídio. Temos, portanto, como exemplo de fala legítima, o poema de Ovídio, ou seja, estudamos a língua latina através dos versos de Ovídio. O trecho escolhido tem o seguinte enredo, cujas referências mítico-culturais foram previamente estudadas como necessário subsídio de leitura: Orfeu, após perder a sua noiva desce aos infernos para tentar reavê-la. No reino dos mortos, ele se depara com o mundo das sombras, com os supliciados do Hades e até com o próprio Plutão. Com a finalidade de conseguir do deus do mundo subterrâneo e da rainha Prosérpina permissão para que Eurídice volte a viver, Orfeu entoa um melodioso canto lamentando a prematura morte da jovem e pedindo o retorno dela ao mundo dos vivos. Plutão, tocado pelas tristes canções do jovem trácio, concede o retorno de Eurídice com a condição de que o vate não volte os olhos para a esposa até que o árduo caminho do Hades tenha sido concluído. Porém, o jovem, preocupado com a amada e ansioso por vê-la, não resiste e fita os olhos de Eurídice. No mesmo instante, ela retorna para sempre ao Hades. Orfeu, sem consolo, passa os anos seguintes tocando a lira e cantando lamentáveis canções até, um dia, ser morto pelas enciumadas mulheres que não conseguiam despertar novamente o amor do vate.

Primeiramente, realiza-se uma tradução de estudo, isto é, uma tradução literal. Em seguida, deve-se fazer a *normalização* do trecho selecionado e, posteriormente, a partir das frases normalizadas criam-se exercícios de recorrência estimulada.

Para o exemplo prático a seguir, utilizaram-se os versos 40 a 44. Nesse trecho Orfeu já se encontra no Hades. O vate entoa uma canção cuja finalidade é comover Plutão e conseguir o retorno de Eurídice do mundo dos mortos. Até os famigerados supliciados do Hades param os seus incessantes castigos por causa da bela música de Orfeu. Há, no trecho selecionado, a enumeração dos supliciados e, para entender esses versos, é preciso se inteirar das referências mitológicas. O primeiro supliciado é Tântalo, rei da Líbia, que foi condenado por Júpiter a passar fome e sede eternamente. Ixião, outro supliciado, foi também condenado ao Tártaro, onde Mercúrio o amarrou a uma roda que gira incessantemente. O terceiro é Tício, porém seu nome não consta nos versos de Ovídio, o poeta apenas faz referência a ele quando diz sobre certas aves que devoram um fígado (Tício recebera punição semelhante à de Prometeu), portanto, temos uma referência não explícita. As Bélides são mulheres que assassinaram seus maridos na noite de núpcias. Foram condenadas ao Tártaro recebendo o eterno castigo de encher com jarros de água um tonel furado. Sísifo, o último supliciado, recebeu a punição de rolar eternamente uma rocha até o alto de uma colina onde, alcançado o cume, a pedra deslizava novamente para baixo. Os versos são:

Talía dicentem neruosque ad uerba mouentem
exsanguis flebant animae; nec Tantalus undam
captauit refugam stupuitque Ixionis orbis,
nec carpsere iecur uolucres urnisque uacarunt
Belides inque tuo sedisti, Sisyphe, saxo.

Uma possível tradução de estudo seria: “As almas exangues choravam aquele que diz tais coisas e que toca as cordas junto com as palavras. E Tântalo não tentou pegar a água fugidia, e a roda de Ixião parou, e as aves não devoraram o fígado, e as Bélides desocuparam-se dos vasos, e em tua pedra, ó Sísifo, sentaste.”

Para exemplificar a normalização utilizo os seguintes trechos: “... nec Tantalus undam / captauit refugam stupuitque Ixionis orbis,/ nec carpsere iecur uolucres/ urnisque uacarunt/ Belides ...”

Na normalização, cada verbo corresponderá a uma frase simples. Por exemplo, existem quatro verbos (*captauit / stupuit / carpsere / uacarunt*), portanto terei quatro frases normalizadas:

- 1) Tantalus undam refugam non captat.
- 2) Orbis Ixionis stupet.
- 3) Volucres iecur non carpunt.
- 4) Belides urnis uacant.

Em seguida, realizam-se exercícios de recorrência estimulada, em forma de perguntas de compreensão¹. Para realizar as perguntas é necessário que o aluno domine o uso dos pronomes interrogativos.

Para exemplo ilustrativo sobre as perguntas de compreensão, usou-se a primeira frase normalizada acima. Vejamos:

1) Tantalus undam refugam non captat.

A) **Quis** undam refugam non captat? (**Quem** não tenta pegar a água fugidia?)

R. **Tantalus** undam refugam non captat. (**Tântalo** não tenta pegar a água fugidia)

B) **Quid** Tantalus non captat? (**O que** Tântalo não tenta pegar?)

R. **Undam refugam** Tantalus non captat.

C) **Quam** undam Tantalus non captat? (**Qual** onda Tântalo não tenta pegar?)

R. **Refugam** undam Tantalus non captat.

D) **Quid non facit** Tantalus? (**O que** Tântalo **não faz**?)

R. Tantalus **undam refugam non captat**.

Para fazer as perguntas de compreensão, o aluno tem que entender as funções de cada palavra em sua relação com as demais na frase, isto é, dominar a estrutura básica da língua latina: a declinação e a conjugação. Precisa ainda conhecer particularmente o uso dos pronomes e advérbios interrogativos, além de estudar o vocabulário requerido e os dados de cultura que aparecem no texto.

Deve-se perceber que uma palavra só terá determinada função numa frase porque está inserida em um contexto sintático². Por exemplo, a palavra *Tantalus* (na frase “*Tantalus undam refugam non captat*”) está no nominativo singular porque há na frase um verbo na terceira pessoa do singular cujo sujeito é *Tantalus*, e um objeto direto “*undam refugam*”. O entendimento das relações sintáticas de uma palavra com as demais na frase é fundamental para a compreensão do enunciado. Em latim só há um **único sistema de declinação** assim como um **único sistema de conjugação**, portanto, as funções das palavras numa frase são expressas pelos seis casos do latim, e não por “declinações”. Há uma clara confusão por parte da classificação tradicional entre **funções** e **desinências**, pois “nem sempre as diferenças fônicas carregam diferenças conceituais”³.

Para melhor elucidar a questão acima, utilizemos um exemplo em português: as desinências de plural. Se observarmos exemplos de plurais notaremos certa diversidade fônica: limões, capitães, casas, ônibus, quaisquer, homens, mulheres, degraus, casais, etc. Embora haja diferença fônica entre os exemplos, não há diferença conceitual, pois todos estão no plural. Da mesma forma que em português não existem outros tipos de plural, em latim não há, por exemplo, outros “nominativos”. A Fonologia nos dá a base necessária para compreendermos a unidade da declinação e da conjugação.

O método de perguntas e respostas para cada frase normalizada estimula a recorrência das estruturas frasais do latim, ou seja, auxilia na aquisição de uma competência metalingüística do latim, ressaltando as oposições de casos nos enunciados latinos. Assim teremos, num estágio inicial, o entendimento do enunciado latino pelo aluno. Ao mesmo tempo, criam-se oportunidades para falar

¹ As perguntas de compreensão seriam, sucintamente, um diálogo do aluno com o texto.

² Fora de um contexto sintático, a palavra não tem função.

³ Cf. Márcio Thamos em *Da fala à língua: relato de uma experiência* (artigo inédito).

sobre Ovídio, a mitologia e a cultura romanas. O aluno, ao término dos exercícios, pode resgatar o enunciado original a fim de compreendê-lo cautelosamente, tendo vencido o estágio inicial de aprendizado da língua latina.

Referências Bibliográficas

- BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. São Paulo: Pontes, 1995.
- CART, Allan. et al. **Grammaire Latine**. Paris: Fernand Nathan Éditeur, 1955.
- COMMELIN, P. **Mitologia grega e romana**. Trad. Thomaz Lopes. Rio de Janeiro: Ediouro, [19--].
- DEZOTTI, J. D. *O Papel do Texto Documento*. In: LIMA, A. D. et al. **Latim: da fala à língua**. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, 1992. (Col. Textos)
- GAFFIOT, Félix. **Dictionnaire illustré latin-français**. Paris: Hachette, 1934.
- HARVEY, Paul. **The Oxford companion to classical literature**. Oxford: Clarendon Press, 1940.
- HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LAVEDAN, Pierre. **Dictionnaire Illustré de la mythologie et des antiquités grecques et romaines**. Paris: Hachette, 1952.
- FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino português**. Rio de Janeiro: FENAME, 1982.
- GRAVES, Robert. **The Greek Myths**. London: The Folio Society, 2000.
- LIMA, Alceu Dias et al. **Latim: da fala à língua**. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, 1992. (Col. Textos)
- LIMA, Alceu Dias. **O enunciado latino e a iniciação científica**. Araraquara, 2005. (Artigo inédito)
- LIMA, Alceu Dias. **Uma estranha língua?: questões de linguagem e de método**. São Paulo: Unesp, 1995.
- LIMA, Alceu Dias & THAMOS, Márcio. *Verso é para cantar: e agora, Virgílio? Alfa: revista de lingüística* (Unesp), São Paulo, v. 49, n. 2, p. 125-131, 2005.
- LONGO, Giovanna. **Ensino de latim: problemas lingüísticos e uso de dicionário**. (Dissertação de mestrado apresentada à FCL da UNESP, Câmpus de Araraquara, 2006).
- LOPES, Edward. **Fundamentos da lingüística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 2005.
- OVIDE. **Les métamorphoses**. Paris: Les Belles Lettres, 1985. Vol. II
- OVIDIO. **Metamorfoses**. Tradução de Bocage; introdução de João Ângelo Oliva Neto. São Paulo: Hedra, 2000.
- PRADO, J. B. T. *Latim, moinho e cavaleiros andantes*. In: LIMA, A. D. et al. **Latim: da fala à língua**. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, 1992. (Col. Textos)
- SARAIVA, F. R. dos Santos. **Novíssimo dicionário Latino-Português**. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 2003.
- THAMOS, Márcio. *Signo Lingüístico: relações arbitrárias ou necessárias?* In: _____. **Poesia e imitação: em busca da expressão concreta**. (Dissertação de mestrado apresentada à FCL da UNESP, Câmpus de Araraquara, 1998).
- THAMOS, Márcio. *Uma língua, muitas falas: os caminhos da linguagem*. In: _____. **Poesia e imitação: em busca da expressão concreta**. (Dissertação de mestrado apresentada à FCL da UNESP, Câmpus de Araraquara, 1998).
- TORRINHA, Francisco. **Dicionário Latino Português**. Porto: Gráficos Reunidos, 1983.